

INSTITUTO FEDERAL DA PARAÍBA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS A DISTÂNCIA

LÍVIA MARIA MACIEIRA MARTINS

**A ABORDAGEM DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA COLEÇÃO DE LIVRO
DIDÁTICOS “SE LIGA NA LÍNGUA, LEITURA, PRODUÇÃO DE TEXTO E
LINGUAGEM”: UM ESTUDO SOBRE UMA PERSPECTIVA SOCIOLINGUÍSTICA**

JOÃO PESSOA
2022

LIVIA MARIA MACIEIRA MARTINS

**A ABORDAGEM DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA COLEÇÃO DE LIVRO
DIDÁTICOS “SE LIGA NA LÍNGUA, LEITURA, PRODUÇÃO DE TEXTO E
LINGUAGEM”: UM ESTUDO SOBRE UMA PERSPECTIVA SOCIOLINGUÍSTICA**

Artigo apresentado como requisito parcial para
a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras
a Distância.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Danúbia Barros
Cordeiro Cabral

JOÃO PESSOA
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Nilo Peçanha, IFPB *campus* João Pessoa

M386a Martins, Livia Maria Macieira.

A abordagem da variação linguística na coleção de livro didáticos “Se liga na língua, leitura, produção de texto e linguagem” : um estudo sobre uma perspectiva sociolinguística / Livia Maria Macieira Martins. – 2022.

34 f. : il.

TCC (Graduação – Licenciatura em Letras a Distância Habilitação em Língua Portuguesa) – Instituto Federal de Educação da Paraíba / Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras a Distância, 2022.

Orientação : Prof^a D.ra Danúbia Barros Cordeiro Cabral.

1. Sociolinguística. 2. Livro didático. 3. Variação linguística. 4. Base nacional comum curricular. I. Título.

CDU 81'27(043)

Elaboração: Lucrecia Camilo de Lima – Bibliotecária CRB 15/132

LIVIA MARIA MACIEIRA MARTINS

**A ABORDAGEM DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA COLEÇÃO DE LIVRO
DIDÁTICOS “SE LIGA NA LÍNGUA, LEITURA, PRODUÇÃO DE TEXTO E
LINGUAGEM”: UM ESTUDO SOBRE UMA PERSPECTIVA SOCIOLINGUÍSTICA**

Artigo apresentado como requisito parcial para
a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras
a Distância.


Orientadora: Prof.^a Dr.^a Danúbia Barros
Cordeiro Cabral.

Aprovado em 29 de novembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Danúbia Barros Cordeiro Cabral

Presidente: Orientadora: Prof.^a Dr.^a Danúbia Barros Cordeiro Cabral
– IFPB

Documento assinado digitalmente
 ALINE DE FATIMA DA SILVA ARAUJO FRUTU
Data: 06/12/2022 17:06:01-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Examinador: Prof.^a Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo Frutuoso – IFPB

Victor Cavalcanti Mariano

Examinador: Prof. Ms. Victor Cavalcanti Mariano – IFPB

JOÃO PESSOA
2022

AGRADECIMENTOS

A Deus, Criador do Universo, que está sempre ao meu lado e me ajudou dando-me sabedoria para que eu chegasse até a conclusão deste trabalho.

Agradeço aos meus pais pelo carinho, atenção e apoio que eles me deram durante toda a minha vida.

À minha orientadora, Danúbia Barros C. Cabral, pela sua dedicação e paciência durante o processo de construção do texto. Seus conhecimentos fizeram grande diferença no resultado final deste trabalho.

À banca examinadora, à Prof.^a Esp. Aline de Fátima e ao Prof. Ms. Victor Cavalcanti, pelas considerações feitas para o aprimoramento deste trabalho

Ao corpo docente do curso de Letras do IFPB, pela dedicação ao ensino, à pesquisa e à extensão, como também pela competência profissional e humanidade com que diariamente desempenham esse ofício tão elementar que é a docência.

Aos meus colegas de curso, pela troca de experiências que me permitiram crescer como pessoa e profissional; particularmente à amiga, Marina Santos, por todo apoio e incentivo durante o curso, que apesar da distância física, sempre esteve presente, com palavras de encorajamento e força.

Por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte de minha formação, o meu muito obrigado.

O novo assusta, o novo subverte as certezas, compromete as estruturas de poder e dominação há muito vigentes.

(Marcos Bagno)

RESUMO

Este trabalho pretende, através do olhar sociolinguístico, analisar o tratamento da variação linguística na coleção de livros voltada para o ensino de língua portuguesa “ **Se liga na Língua**”, e responder se os livros analisados estão de acordo com o que preconiza a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para os respectivos ensinamentos dos anos finais do ensino fundamental, de acordo com a normatização da língua. A pesquisa parte de uma investigação documental, através da coleta de dados dos livros da coleção, e de uma pesquisa bibliográfica, valendo-se, para isso, de alguns autores que estudam o tema, como os sociolinguistas William Labov, Marcos Bagno e Fernando Tarallo. Após a análise da coleção “**Se liga na Língua**”, dos autores Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi, concluímos que o material didático é uma ferramenta bastante útil para os professores durante o processo de ensino-aprendizagem, contemplando todas as habilidades preconizadas pela BNCC no que diz respeito ao estudo da variação linguística para as séries finais do ensino fundamental. Entretanto, o livro didático deve ser utilizado como um guia, cabendo ao professor um papel importante na mediação desse conhecimento ao prestigiar as vivências do educando, utilizando-as para reflexão do estudo acerca das variantes linguísticas.

Palavras-chave: Sociolinguística. Livro didático. Variação linguística.

ABSTRACT

This work intends, through a sociolinguistic perspective, to analyze the treatment of linguistic variation in the collection of books aimed at teaching the Portuguese language “Se liga na Língua”, and answer whether the analyzed books are in accordance with what the National Common Base recommends. Curricular (BNCC) for the respective teaching in the final years of elementary school, in accordance with language regulations. The research starts from a documentary investigation, through the collection of data from the books in the collection, and from a bibliographical research, using, for this, some authors who study the subject, such as the sociolinguists William Labov, Marcos Bagno and Fernando Tarallo. After analyzing the collection “Se liga na Língua”, by the authors Wilton Ormundo and Cristiane Siniscalchi, we concluded that the didactic material is a very useful tool for teachers during the teaching-learning process, contemplating all the skills recommended by the BNCC in terms of concerns the study of linguistic variation for the final grades of elementary school. However, the textbook should be used as a guide, with the teacher having an important role in mediating this knowledge by honoring the student's experiences, using them to reflect on the study of linguistic variants.

Keywords: Sociolinguistics. Textbook. Linguistic variation.

INTRODUÇÃO

O livro didático é um instrumento complementar da prática docente e contribui, também, para o estudo do aluno individualmente. Assim sendo, deve estar adequado às necessidades do aluno e do professor.

Por sua vez, o estudo das variações linguísticas no livro didático é fruto da preocupação com o ensino da Língua Portuguesa atrelado às contribuições sociolinguísticas para a área. Desse modo, esse estudo vem observar como a abordagem das variações linguísticas no livro didático pode contribuir com o estudante, especialmente com a produção de textos nos mais diversos contextos de sua vida pública e privada. Acerca disso, Fraga (2005, p. 107) diz que: “[...] levando em consideração as diferenças sociais, históricas e regionais, percebe-se o quão frequente as variações linguísticas estão presentes na sala de aula e, portanto, devem ser abordadas pela escola de forma crítica e imparcial”.

Este trabalho tem como objetivo verificar e avaliar o uso da variação linguística nos livros da coleção **“Se liga na língua, leitura, produção de texto e linguagem”**, dos autores Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi (2018), destinada a alunos do Ensino Fundamental II, buscando responder às seguintes questões: Como é trabalhado o tema da variação linguística no livro didático? Os livros didáticos abordam a questão do preconceito linguístico de acordo com o que preconiza a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para as séries finais do Ensino Fundamental II?

Para responder essas questões trataremos dos tipos de variações linguísticas, segundo os fatores externos ao sistema linguísticos, em detrimento dos fatores internos à língua, partindo da Teoria da Variação, que considera a língua em seu contexto sócio-cultural. Identificaremos, também, a importância do estudo da variação linguística no livro didático, de acordo com alguns teóricos da sociolinguística, como Marcos Bagno e William Labov. Por fim, faremos uma análise da coleção, fundamentada segundo as diretrizes da BNCC, para os anos finais do ensino fundamental.

Além disso, o estudo se justifica por entender que a variação linguística deve ser inserida dentro do ambiente escolar, especialmente sendo trabalhada no livro didático, pois é um dos principais instrumentos de aprendizagens entre professor e alunos.

No que diz respeito à metodologia, a presente pesquisa é do tipo bibliográfica e documental. Conforme Martins e Pinto (2001), a pesquisa bibliográfica procura explicar e discutir um tema com base em referências teóricas publicadas em livros, revistas, periódicos e

outros. Busca também, conhecer e analisar conteúdos científicos sobre determinado tema. Assim, a pesquisa bibliográfica, para este trabalho, foi realizada em artigos científicos, livros, principalmente através da coleta de dados qualitativos retirados coleção “**Se liga na língua, leitura, produção de texto e linguagem (2018)**”.

Já a pesquisa documental, de acordo com Flick (2009), é aquela em que os dados logrados são absolutamente provenientes de documentos, como o propósito de obter informações neles contidos, a fim de compreender um fenômeno. Desse modo, a pesquisa documental teve como fonte os documentos oficiais da Base Nacional Comum Curricular.

Vale salientar que a escolha do material didático analisado se deu por este ser um instrumento utilizado em várias escolas estaduais da Rede Pública Estadual de Ensino da Paraíba.

1 A SOCIOLINGUÍSTICA E A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A Sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e a ciência responsável pelo estudo do fenômeno da variação linguística. O linguista estadunidense William Labov, em meados de 1960, foi um dos principais autores a abordar a questão da variação linguística. Sua pesquisa, sobre o inglês falado na ilha Martha's Vineyard, no estado de Massachusetts, comprovou que a variação linguística pode ser objeto de sistematização. Os estudos de Labov foram traduzidos para o português e publicados no livro Padrões sociolinguísticos (2008)

Labov (1972) contribuiu para o avanço dos estudos sociolinguísticos por considerar a importância do estudo da língua como objeto de construção social, definindo a Teoria da Variação Linguística como heterogênea, de caráter social, de variabilidade submetida e com sua heterogeneidade intrínseca à língua. Além disso, o linguista explica que a língua não se “localiza” na mente de seu falante, mas no seu uso por uma comunidade de falantes. A Sociolinguística, em sala de aula, traz concepção de que o estudo das variações linguísticas, deve ser entendido de forma a perceber sua importância social. Desse modo, o ideal é que “O professor não deve simplesmente “corrigir” os chamados “maus usos”; se tiver uma boa formação linguística, especificamente sociolinguística, deverá demonstrar, por exercícios, o valor social das variantes de um elemento variável no português do Brasil.” (MATTOS E SILVA, 2006, p. 282)

A Sociolinguística estuda a variabilidade linguística a partir do ponto de vista que “Linguagem e sociedade estão ligadas entre si de forma inquestionável. Mais do que isso, podemos afirmar que essa relação é a base da constituição do ser humano” (ALKMIN, 2001, p. 21).

Sobre o conceito de variação linguística, Mendes (2015, p. 113) explica o seguinte:

A variação linguística é um processo no qual permitimos duas formas no mesmo contexto linguístico que possuem o mesmo valor o mesmo significado, e esse conjunto de léxicos intercambiáveis no mesmo contexto chamamos de variantes.

A extrema flexibilidade que caracteriza as línguas nem sempre é bem percebida pelos falantes, que, muitas vezes, tendem a conceber sua língua como uma entidade “única e indivisível”. Mussalim e Bentes (2007, p. 33) observam que “Pode-se afirmar mesmo que nenhuma língua se apresenta por uma entidade homogênea. Isso significa dizer que qualquer língua é representada por um conjunto de variedade [...]”. Nesse sentido, o tópico a seguir vai tratar dos vários tipos de variação linguística.

1.1 TIPOS DE VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

Partindo do princípio de que a língua deve ser considerada em seu contexto sociocultural, resultado de seu uso concreto, Mollica (2003, p. 10) explica que “[...] ela parte do pressuposto de que toda variação é motivada, isto é, controlada por fatores de maneira tal que a heterogeneidade se delinea sistemática e previsível”.

Geralmente, as variedades são julgadas de acordo com o prestígio dos falantes que as utilizam: a linguagem popular é estigmatizada, a linguagem da elite é valorizada. As heterogeneidades das formas linguísticas ocorrem devido a vários fatores, quais sejam: a intenção discursiva ou aos efeitos que se quer produzir, as condições da produção, a recepção da mensagem, o ambiente social, o ambiente geográfico, a história do falante e o registro que o mesmo deseja usar. Há, portanto, uma relação muito estreita entre a linguagem e as condições externas das quais ela depende, e o estudo dessa relação, assim como considera Labov (1972), nos faz enxergar, a linguagem como reflexo do social.

Estudos sociolinguísticos, com o intuito de relacionar o processo de variação linguística com os processos de mudança que ocorrem na estrutura da língua ao longo do tempo (sincronicamente), classificam as variações linguísticas em quatro tipos: variação histórica ou

diacrônica; variação geográfica ou diatópica; variação social ou diastrática e em variação situacional ou diafásica.

1.1.1 Variação Diacrônica ou Histórica

A palavra diacronia vem do grego *dia* (através de, por meio de, por causa de) e *chronos* (tempo). Então, uma coisa é dita diacrônica quando ocorre ao longo do tempo. Uma variação é chamada diacrônica ou histórica quando se refere àquela que teve lugar, na língua, ao longo dos anos. “É por isso que digo que se aqueles que morreram há mil anos voltassem para suas cidades, eles acreditariam que estavam ocupadas por pessoas estrangeiras, porque sua língua é diferente da deles” ((MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p.107)

Existe, então, uma clara diferença entre a fala dos antepassados e a de hoje. Essa diferença pode ser avaliada em todos os níveis de linguagem. Assim, a variação histórica ou diacrônica envolve mudança linguística: outro conceito muito importante na Teoria da Variação. Mudança, neste caso, significa transição do uso categórico de um elemento linguístico para o uso categórico de outro. Por exemplo, o abandono de uma variante em favor de outra, a aquisição de um elemento linguístico com um novo significado.

As causas da mudança linguística podem ser externas (sociolinguísticas), ou internas (linguísticas). As causas externas referem-se a mudanças na sociedade; e as causas internas dizem respeito à estrutura das línguas, isso porque os comportamentos e os hábitos sociais estão constantemente mudando, e essa mudança também implica um novo comportamento linguístico.

Também é importante destacar o trabalho de acadêmicos ou gramáticos que trazem constantemente mudanças relacionadas às estruturas da linguagem. Segundo Labov (1972), toda mudança linguística implica numa variação, mas nem toda variação na linguagem é resultado de mudança na linguagem. A mudança linguística, objeto de estudo da linguística histórica, possui variações diacrônicas; já as variações linguísticas, estudadas pela sociolinguística, são sincrônicas.

Temos como exemplo de mudança linguística histórica a origem do pronome “você”, que no português arcaico, segundo Câmara Júnior (1979, p. 94) era “vossa mercê” e usualmente passou a ser “vosmecê”. Com o passar do tempo, a expressão foi reduzida ao modo como falamos hoje: “você”, a qual foi incorporada à norma-padrão, tendo, ainda, variações mais

atuais como “cê” e “vc”. Como exemplo de variações sincrônicas, temos “ A gente vai ao cinema”, e, “ Nós vamos ao cinema”, as duas formas coexistem.

1.1.2 Variação Diatópica (Geográfica ou Regional)

A palavra diatópica vem do termo grego, em que *dia* significa “através de, por meio de, por causa de” e *topos* quer dizer “lugar”. Desse modo, a variação geográfica ou diatópica, refere-se à identificação de práticas linguísticas de uma determinada comunidade do ponto de vista geográfico. Em outras palavras, a linguagem varia de acordo com o espaço geográfico, com os dialetos de cada região.

A variação diatópica nos permite identificar a origem do interlocutor por meio da análise de seus padrões lexicais, de entonação, e/ou de traços fonológicos, estando relacionada a distâncias espaciais. É, portanto, possível encontrar variações de um país para outro, de uma região para outra, de um município para outro e, até, de um espaço familiar para outro.

A origem geográfica do falante apresenta um elemento principal da diferenciação sociolinguística. No Brasil, por exemplo, os diversos sotaques permitem classificar de que região é o falante, se da Região Sul, Sudeste, Norte ou Nordeste. No que diz respeito ao léxico, tem-se, por exemplo, variações regionais da palavra “macaxeira”, assim chamada pelos nordestinos, que é conhecida no sul e sudeste do país como “mandioca”, e, particularmente, no Rio de Janeiro, por exemplo, como “aipim”. Essas variações ocorrem diante das diferenças culturais de cada região.

1.1.3 Variação Diastrática ou Social

A palavra diastrática vem do grego *dia* (através de, por meio de, por causa de) e *stratum* (camada). Refere-se ao estudo da diversidade social ou demográfica das práticas linguísticas de uma comunidade. Assim, a análise do fenômeno da variação da linguagem revela que existe, além da história e da geografia, outro fator de variabilidade: a sociedade.

Para alguns pesquisadores, é impossível estudar o fenômeno linguístico à parte da sociedade, a qual produz a linguagem e a modifica. O fator social é, portanto, indispensável no campo da linguística e, portanto, da sociolinguística. Com variáveis sociais como idade, sexo, classe social, etnia, grau de instrução, profissão etc., notamos, na língua, a existência da chamada variação social ou diastrática.

Assim, é possível observar sujeitos de uma mesma localidade e/ou comunidade apresentarem traços linguísticos com suas semelhas e diferenças considerando se são crianças, jovens, adultos ou idosos; se são homens ou mulheres (ou ainda, indivíduos da comunidade LGBTQIA+); se são de diferentes classes sociais; se têm graus de formação distintos; e de diferentes profissões. Todas essas diferenças no campo social resultam em variações diastráticas que acabam marcando seus dialetos e gerando identificação grupal, ou seja, marcas de identidades entre os membros de um mesmo grupo ao qual estão vinculados.

1.1.4 Variação Diafásica ou Estilística

A etimologia da palavra diafásica é formada pelo prefixo grego *dia* (através de, por meio de, por causa de), do radical grego *phasys* (que significa expressão) e do sufixo grego *-ico* (que forma adjetivos). Portanto, à variação diafásica cabe a liberdade de expressão, ou seja, a adequação linguística considerando o contexto de uso.

O contexto da comunicação constitui um importante fator de variação linguística, isso porque cada locutor dispõe de um vasto repertório linguístico segundo a situação comunicativa e os interlocutores envolvidos, devendo este adaptar-se à uma variedade da linguagem adequada ao evento. A essa variação linguística, engendrada pelas circunstâncias comunicativas, é dado o nome de estilística ou diafásica.

Não há, dessa forma, falantes que sejam apenas usuários de um único estilo, uma vez que todos apresentam algum tipo de variação de acordo com as condições contextuais: família, escola, trabalho, casa, igreja. A variação diafásica leva em conta o fato de que a mesma pessoa, qualquer que seja sua origem social ou formação profissional, pode se expressar de forma diferente dependendo da situação de comunicação em que se encontra, manifestando-se em todos os níveis da língua: fônico, morfológico, sintático, lexical.

2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO

Para que o aprendizado da língua aconteça, o aluno deve se sentir pertencente à sala de aula, o educando deve compreender que seu modo de falar é legítimo e não pode ser desrespeitado. Compete aos professores perceberem como ocorre a manifestação da variação linguística, tanto no livro didático como em sala de aula, pois existem comunidades com predominância de dialetos específicos, os quais não são abordados nos livros didáticos.

Como observa Bagno (2002, p. 134):

[...] é interessante estimular nas aulas de língua materna um conhecimento cada vez maior e melhor das variedades sociolinguísticas para que o espaço de sala de aula deixe de ser o local para estudo exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos.

A variação linguística é parte de nossa sociedade, sua inclusão nos livros didáticos é fundamental, não somente por seu valor social e histórico na composição da nossa língua, mas porque a escola precisa abrir espaço para as inúmeras manifestações linguísticas, escritas, formais e informais dos alunos, pois, para que eles dominem outras formas de expressão com as quais ele ainda não possuem familiaridade, a linguagem por eles utilizadas é imprescindível. Isso porque a variação linguística possui ligação tanto com fatores linguísticos e sociais, quanto com fatores exteriores a ele. Sobre isso, Labov (1972) explica que

[...] podemos esperar que os fatores sociais estejam profundamente envolvidos na atuação do porquê o estudo se fez em um lugar especial, no tempo e no espaço...o nosso primeiro problema é o de determinar os aspectos do contexto social da língua, que estão conectados com mudança linguística... seria, portanto, correlacionar os nossos dados linguísticos com as medidas de posição social ou comportamento podendo ser repetido em outro ponto no tempo. (LABOV, 1972, p. 47).

Para além do fator social destacado por Labov, as variações linguísticas são aspectos da língua que podem ser descritos através da variação conforme região, idade, sexo, *status* social, etc. Diante disso, salientamos que a variação linguística consiste em uma das questões importantes e que merece notoriedade no âmbito na linguagem, estando sempre presente nas relações sociais em qualquer período por tratar-se de um aspecto constitutivo de línguas.

A escola não pode apenas ignorar as especificidades linguístico-culturais dos alunos e querer modificá-las pela língua da cultura institucionalizada. Refletir sobre esse tema, em sala de aula, importa em melhor compreensão e assimilação do conteúdo, pelo aluno, dando ao educando a compreensão da importância da norma padrão e da variação linguística.

Ao mesmo tempo em que a variedade linguística do aluno deve ser respeitada e valorizada, não podemos lhe negar a oportunidade de aprender as variantes de prestígio, visto que a língua é um bem cultural importante e que, como afirma Bortoni-Ricardo (2005, p. 15)

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem

duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade. Algumas conferem prestígio ao falante, aumentando-lhe a credibilidade e o poder da persuasão; outras contribuem para formar-lhe uma imagem negativa, diminuindo-lhe as oportunidades.

O ensino das variedades linguísticas deve considerar os contextos sociais em que os alunos estão inseridos. Portanto, cabe a escola dar ao aluno a noção de que ao empregar determinada forma linguística ele será socialmente avaliado.

3 A VARIAÇÃO LÍNGUÍSTICA NA BNCC NO ENSINO FUNDAMENTAL II

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no que tange ao componente da língua portuguesa no ensino fundamental anos finais, propõe ao currículo, quanto à questão da variação linguística, a não centralidade do ensino de gramática normativa na escola, ao mesmo tempo que mantém o desafio do ensino da leitura da escrita, utilizando-se de práticas de multiletramento utilizando para isso vários eixos de ensino e seus diferentes campos de atuação. Ao promover o letramento, há uma tentativa de fazer com que o aluno, enquanto o usuário da língua, adquira competências e habilidades para refletir sobre o uso linguístico para além das regras gramaticais, tornando-o, assim, um sujeito crítico e reflexivo na sociedade

Acredita-se que a homogeneização da língua, a partir da tradição gramatical, é um ponto danoso para o ensino, que deve valorizar a experiência do aluno a partir das práticas sociais, e dentre essas práticas sociais devemos valorizar os eixos da oralidade e escrita. De acordo com a Base Nacional Curricular (BRASIL, 2018, p. 69),

[...] contemplar de forma crítica essas novas práticas de linguagem e produções, não só na perspectiva de atender às muitas demandas sociais que convergem para um uso qualificado e ético das Tecnologias de Informação e Comunicação (TDIC)– necessário para o mundo do trabalho, para estudar, para a vida cotidiana etc. –, mas de também fomentar o debate e outras demandas sociais que cercam essas práticas e usos. É preciso saber reconhecer os discursos de ódio, refletir sobre os limites entre liberdade de expressão e ataque a direitos, aprender a debater ideias, considerando posições e argumentos contrários. (BRASIL/ BNCC, 2018, p. 69)

A variação linguística vai encontrar, na valorização da experiência do aluno, a partir das práticas sociais que o cercam, a possibilidade de reconhecimento das formas específicas de organização da língua, tanto da escrita quanto da oralidade, em função dos seus efeitos de sentido no social. Isso demonstra a importância que a BNCC confere aos diversos tipos de linguagens. Nesse sentido, é importante observar o tratamento destinado a essas práticas orais e o desenvolvimento de habilidades, conforme se observa no quadro abaixo.

Quadro 1 - Excerto 1 da BNCC referente ao eixo Oralidade no ensino de Língua Portuguesa, do 6º ao 9º ano.

EIXO ORALIDADE	
Consideração e reflexão sobre as condições de produção dos textos orais que regem a circulação de diferentes gêneros nas diferentes mídias e campos de atividade humana.	<ul style="list-style-type: none"> • Refletir sobre diferentes contextos e situações sociais em que se produzem textos orais e sobre as diferenças em termos formais, estilísticos e linguísticos que esses contextos determinam, incluindo-se aí a multimodalidade e a multisssemiose. • Conhecer e refletir sobre as tradições orais e seus gêneros, considerando-se as práticas sociais em que tais textos surgem e se perpetuam, bem como os sentidos que geram.
Relação entre fala e escrita	<ul style="list-style-type: none"> • Estabelecer relação entre fala e escrita, levando-se em conta o modo como as duas modalidades se articulam em diferentes gêneros e práticas de linguagem (como jornal de TV, programa de rádio, apresentação de seminário, mensagem instantânea etc.), as semelhanças e as diferenças entre modos de falar e de registrar o escrito e os aspectos sociodiscursivos, composicionais e linguísticos de cada modalidade sempre relacionados com os gêneros em questão. • Oralizar o texto escrito, considerando-se as situações sociais em que tal tipo de atividade acontece, seus elementos paralinguísticos e cinésicos, dentre outros. • Refletir sobre as variedades linguísticas, adequando sua produção a esse contexto.

Fonte: BNCC (BRASIL, 2018, p. 74- 75)

A BNCC trata a variação linguística nos anos finais do ensino fundamental como objeto de conhecimento da prática de linguagem no eixo “Análise Linguística/Semiótica”, cuja primeira habilidade é o reconhecimento das variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e do preconceito linguístico.

No quadro a seguir, transcrevemos da BNCC (BRASIL, 2018, p. 155- 157) um excerto referente à variação linguística no Eixo da Análise Linguística/Semiótica no ensino de Língua Portuguesa, do 6º ao 9º ano.

Quadro 2 - Excerto 2 da BNCC referente ao eixo Análise Linguística/Semiótica no ensino de Língua Portuguesa, do 6º ao 9º ano.

PRÁTICAS DE LINGUAGEM	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
CAMPO ARTÍSTICO-LITERÁRIO/ORALIDADE	Variação linguística	(EF69LP50) Elaborar texto teatral, a partir da adaptação de romances, contos, mitos, narrativas de enigma e de aventura, novelas, biografias romanceadas, crônicas, dentre outros, indicando as rubricas para caracterização do cenário, do espaço, do tempo; explicitando a caracterização física e psicológica dos personagens e dos seus modos de ação; reconfigurando a inserção do discurso direto e dos tipos de narrador; explicitando as marcas de variação linguística (dialetos, registros e jargões) e retextualizando o tratamento da temática.
Análise linguística/semiótica	Variação linguística	(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico. (EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.

Fonte: BNCC (BRASIL, 2018, p. 155- 157)

Abaixo, o excerto referente ao ensino de Língua Portuguesa do 9º ano da BNCC (BRASIL, 2018, p. 191)

Quadro 3 – Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento referente à variação linguística no ensino de Língua Portuguesa, do 9º ano.

PRÁTICAS DE LINGUAGEM	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
Análise linguística/semiótica	Variação linguística	(EF09LP12) identificar estrangeirismos, caracterizando-os segundo a conservação, ou não, de sua forma gráfica de origem, avaliando a pertinência, ou não, de seu uso.

Fonte: BNCC (BRASIL, 2018, p. 191)

Como podemos ver, a Base Nacional Comum Curricular, ao estabelecer o uso consciente e reflexivo de regras da norma-padrão em situações de fala e escrita, propõe ao professor orientar o aluno quanto às adequações dos usos linguísticos conforme as situações sociocomunicativas.

A proposta da Base Nacional comum curricular resgata a proposta de retomar os níveis extralinguísticos de variação descritos por Labov (2008), em que o uso das diferentes formas linguísticas é definido segundo os papéis sociais que nós desempenhamos em situações

comunicativas (variação diafásica). Deste modo, o professor deve direcionar o aluno quanto à relevância do emissor/receptor do texto segundo o uso mais formal ou menos formal da língua. Esses excertos nos permitem refletir sobre a ideia do professor demonstrar para o aluno que os textos orais nem sempre são concebidos de uma maneira orgânica, de forma espontânea e, muitas vezes, ele pode exigir um planejamento através, por exemplo, da organização e apresentação de seminários, em que nós temos essa variação, que ocorre na fala e na escrita, denominada por Ilari e Basso (2006) de variação diamésica.

Ao tratar do campo artístico literário e oralidade, a BNCC faz menção ao fato de que quanto mais alto for o grau de escolaridade dos alunos mais se espera que eles dificilmente produzam formas linguísticas específicas de pessoas com baixa escolaridade.

Nos anos finais do ensino fundamental, é proposto pela Base Nacional Comum Curricular que o ensino no que diz respeito ao eixo da oralidade, seja o de não ignorar o sistema de normas e de regras padrão, mas, a partir dele, promover uma percepção crítica parcial, recomendando, assim, o ensino da variação linguística reflexiva. Isso implica em ações para que o estudante tome consciência da escala valorativa atribuída a sotaques, aos seus usos orais e, a partir daí, o aprendiz perceba que as variedades linguísticas funcionam como instrumento, seja de reprimir, discriminar, de ridicularizar ou de promover o outro. Por fim, o uso consciente reflexivo da língua implica inserir os alunos em práticas de multiletramento, utilizando a língua presente em vídeo, imagens, jornais, em diversos campos de atuação, tornando-os leitores e escritores críticos.

4 UMA ANÁLISE DA PERSPECTIVA VARIACIONISTA NO LIVRO DIDÁTICO

A coleção de livros didáticos, “*Se liga na Língua – Leitura, produção de texto e linguagem*”, direcionada ao ensino dos anos finais do Ensino Fundamental II apresenta, em todos os seus livros didáticos, textos e atividades que auxiliam os estudantes a compreenderem o fenômeno da variação linguística.

A abordagem da variação linguística, assim como do preconceito linguístico, está presente nos livros destinados aos alunos do 6º e 9º ano de forma explícita.

É interessante observar que, no livro do 7º e 8º ano, a questão da variação linguística está diluída ao longo de algumas atividades e textos, e o tema do preconceito linguístico não é explorado. Com isso, cabe ao professor não se restringir apenas ao conteúdo explicitado e, desta

forma, oportunizar ao estudante não apenas a observação dos aspectos relacionados à variação linguística, como também, à discussão sobre o preconceito linguístico.

Os autores, da coleção “*Se Liga na Língua Leitura, Produção de texto*”, Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi, em seu primeiro livro didático da coleção, direcionado a alunos do 6º ano do ensino fundamental, tratam sobre questões de variação linguística e preconceito linguístico. Na seção “*Mais da língua*”, precisamente da página 63 a 70, o gênero textual Cartum é empregado para iniciar o debate a respeito do preconceito linguístico, conforme vemos na imagem a seguir:

Figura 1 – Atividade do livro didático com texto que aborda a temática do preconceito linguístico.

Preconceito linguístico

Leia este cartum do ilustrador paulista Roberto Kroll.

Roberto Kroll



VEJA QUE BELOS MOVIMENTOS ELÍPTICOS FAZEM ESSAS ONDAS, MEU CARO AMIGO! PEGÁ-LAS-EMOS NESTE INSTANTE OU MAIS TARDIAMENTE?

Reprodução proibida. Art. 174 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Abuse da língua

É muito comum reconhecermos particularidades na fala de moradores de outras regiões. Você conseguiria imitar um falante de uma região distante da sua? E um de sua própria região? Quando alguém imita uma pessoa de sua região, que palavras ou sotaque ele usa?

Você já ouviu falar de **norma-padrão**? Essa expressão identifica um modelo de uso da língua

O humor da ilustração é criado pela inadequação de um dos personagens: ele se veste e fala de uma maneira que não é esperada para a ocasião. Sua linguagem muito formal contrasta com o espírito descontraído que caracteriza a prática do surfe.

Fonte: ORMUNDO, Wilton e SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga na língua**. Leitura, Produção de Texto e Linguagem. 6º ano . p. 65.

A imagem é seguida de um texto opinativo, onde, na página 66, encontramos a seguinte afirmação: “não existe um modo único de uso da língua e, por isso, não é correto desvalorizar as variedades usadas por outros grupos. Considerá-las erradas revela incompreensão de como funciona a língua e resulta em preconceito linguístico”. O preconceito linguístico, conforme define Marcos Bagno (2007), advém da ideia que perdurou por séculos, a de que:

[...] só existe [...] uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola- gramática- dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente [...]”. (BAGNO, 2007, p. 38)

A ciência sociolinguística apesar de muito jovem, diferente da gramática que vem se perdurando durante séculos, tenta quebrar esse paradigma de que a maioria do povo brasileiro fala o português “errado”, e apenas um pequeno aglomerado de pessoas, falam um português “correto”, principalmente a classe alta na qual o poder econômico, político e cultural estão centrados.

Para Tarallo (1994, p. 62), “cada comunidade de fala é única; cada falante é um caso individual”. Portanto, a língua não é um bloco sólido. Sabemos que o Brasil é um país de dimensões continentais, dividido por regiões, e cada uma delas possui sua própria maneira de falar, de usar a língua, o paulista, o gaúcho, o paraibano, cada um desses indivíduos carregam traços linguísticos, próprios, que os diferenciam uns dos outros.

Figura 2 – Atividade de reelaboração de HQ explicitando a Variação Diafásica.


Momento de reescrever

Avaliando a HQ dos meus colegas

Essa produção será avaliada em trios. Você deve analisar com muita atenção o trabalho de mais dois colegas para avaliar se os critérios abaixo foram atendidos. Comente com eles o que observou.

A	A narrativa tem começo, desenvolvimento e desfecho (final)?
B	Todas as ações necessárias à compreensão do acontecimento foram apresentadas?
C	Os personagens, quando inspirados em outros já existentes, agem de modo coerente com os personagens originais?
D	Os textos dos balões de fala são curtos e seu conteúdo é coerente com a situação apresentada?
E	A linguagem usada nos balões de fala é adequada à situação vivida pelos personagens?
F	Recursos como a onomatopeia e linhas para indicar movimento foram usados de modo adequado?
G	A produção foi feita com capricho? Não está suja ou amassada?

Reelaborando minha HQ



Fonte: ORMUNDO, Wilton e SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga na língua**. Leitura, Produção de Texto e Linguagem. 6 ano . p. 87 .

A atividade acima do livro do 6º ano da coleção “**Se liga na língua**” contempla a habilidade **EF69LP56** da BNCC, que trata da elaboração de textos que apontem marcas de variação linguística. Ao propor que o aluno analise as histórias em quadrinhos produzidas pelos

colegas, e ao questionar a adequação da linguagem empregada na produção textual, a atividade proporciona a abordagem da variação diafásica (ou situacional) e as quatro habilidades linguísticas: falar, ouvir, ler e escrever.

A análise do texto elaborado pelos próprios aprendizes faz com que eles tenham suas heterogeneidades linguísticas e culturais prestigiadas. A língua deve ser estudada enquanto fenômeno social, reconhecendo que há variantes não prestigiadas que estigmatizam seus falantes, inferiorizando-os. É preciso encarar a diferença linguística, como fato natural da língua, uma vez que nenhuma (língua) é homogênea, é compreender que todas as variantes se relacionam diretamente com a sociedade.

O ensino da Gramática Normativa no livro do 7º ano da coleção encontra-se associado às demais habilidades e competências sociocomunicativas dos alunos, tendo as variedades linguísticas trabalhadas nos textos e atividades, de forma a combater a ideia de língua homogênea, tida como padrão, que não reconhece as variações. Abaixo, temos um exemplo do ensino da Gramática Normativa e a demonstração do uso da variedade linguística, com a utilização do pronome reto no lugar do oblíquo em situações informais.

Figura 3 – Construção de frase com pronome na linguagem coloquial.

“Foi legal, tipo, vê ela de perto. Nossa, foi uma emoção muito grande. Minhas amigas, né?, tavam comigo.”

.....

Por que foi necessário alterar a fala que seria colocada na notícia escrita? Descreva as adaptações feitas.

Construções como *eu vi ela*, em que o pronome reto é usado no lugar do oblíquo, são comuns em algumas variedades linguísticas. Nas variedades urbanas de prestígio, entretanto, esse uso ocorre apenas em situações informais, sobretudo na fala.

76

Fonte: ORMUNDO, Wilton e SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga na língua**. Leitura, Produção de Texto e Linguagem. 7 ano . p. 76

Conforme podemos ver na imagem acima, retirada do livro didático do 7º ano da coleção de livros didáticos “Se liga na Língua – Leitura, produção de texto e linguagem”, a atividade está de acordo com o que preconiza a BNCC, que diz que nos anos finais do Ensino Fundamental, o ensino do fenômeno da variação linguística deve ser compreendido por meio das interações sociais.

Assim, temos na seção “Na Prática”, uma atividade na qual os estudantes são orientados a produzir em grupo um Rap, e nele incluir expressões e variedades de linguagem,

contemplando assim a utilização da língua de acordo com uma situação comunicacional. A gíria pode estar enquadrada numa variação regional ou de caráter social. Ao pedir que os estudantes produzam um Rap, leva-se em conta que “toda produção linguística é dependente do contexto em que se encontra o falante [...]” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 76).

Figura 4 – Produção de rap utilizando a variação diacrônica (histórica)

Nosso rap NA PRÁTICA

Nesta atividade, você e três colegas vão compor um *rap* juntos. Inicialmente, sua produção vai ser apresentada para a turma. Depois, as produções de alguns quartetos poderão ser apresentadas para os alunos de outras classes e também para os profissionais da escola.

O *rap* de cada quarteto deve divulgar uma mensagem crítica, voltada para o combate ao preconceito de raça, de gênero, de classe social ou de crença.

Criem a base musical ou componham o *rap* sobre alguma base já existente.

Momento de produzir

Planejando nosso rap

Para planejar o *rap* de vocês, considerem as orientações a seguir.

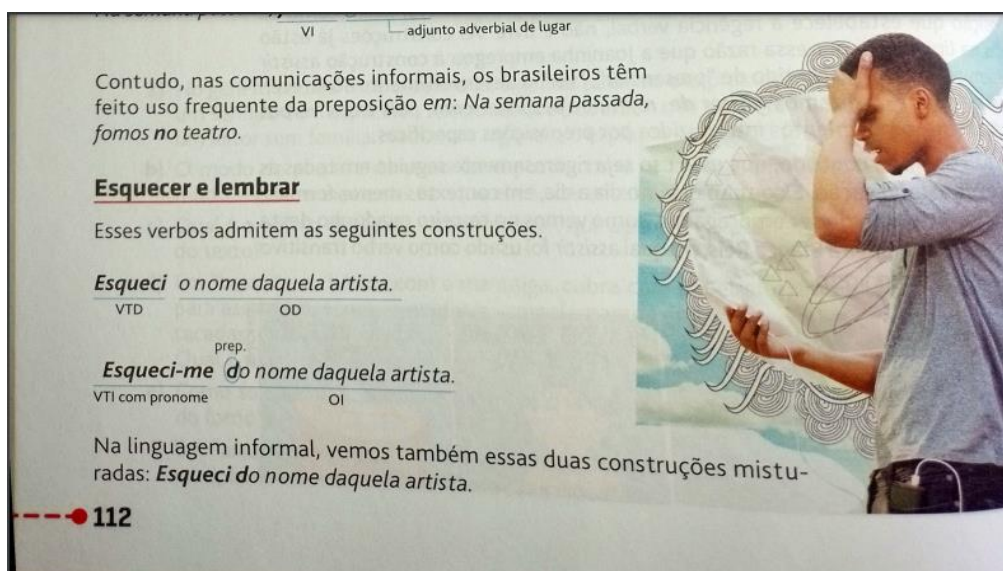
Da teoria para a...	... prática
Os <i>raps</i> revelam experiências de grupos jovens , muitas vezes apresentando situações reais ou fictícias vividas pelo eu lírico.	Planejem a citação de fatos, sentimentos e impressões que lembrem a experiência real de um jovem em relação ao preconceito. Usem a primeira pessoa do discurso.
A maioria dos <i>raps</i> tem um tom muito crítico , incisivo, expondo ao leitor uma realidade que não é confortável.	Definam como vocês vão fazer, no texto, a referência às pessoas que demonstram preconceito: o eu lírico se dirigirá diretamente a elas ou apenas descreverá o comportamento preconceituoso? Pensem na melhor maneira de tornar a crítica mais efetiva , sem ser desrespeitosa.
Os <i>raps</i> são marcados por palavras, expressões e construções típicas das variedades linguísticas empregadas pelos jovens das periferias urbanas .	Planejem a inclusão de gírias e outras expressões que sejam típicas dessas variedades de linguagem.
Os <i>raps</i> não são cantados como as demais canções; eles parecem uma declamação ritmada .	Lembrem-se de que a rima é um recurso fundamental para a musicalidade do <i>rap</i> , que costuma ser complementada pelo refrão .
Os <i>raps</i> associam a mensagem crítica a um uso expressivo , criativo da língua.	Procurem fazer com que parte das ideias não seja apresentada de modo direto, explícito. Explore os significados das palavras, atribuindo a elas sentidos conotativos , que abram espaço para a interpretação do ouvinte.

Fonte: ORMUNDO, Wilton e SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga na língua**. Leitura, Produção de Texto e Linguagem. 8º ano . p. 68.

Temos no material didático do 8º ano uma menção à linguagem informal, como uma construção possível. A linguagem formal e informal são duas variantes linguísticas que possuem o intuito de comunicar. Entretanto, elas são utilizadas em contextos diferentes.

É possível encontrarmos nos quatro livros direcionados ao Ensino Fundamental da coleção “**Se liga na língua**” o emprego de textos literários e atividades que pedem que os alunos façam uso da variação linguística, propiciando, assim, que o professor, através do uso desse material didático, exerça um papel fundamental no processo de conscientização e ensino adequado das variantes linguísticas. Por meio de atividades que demandam do aprendiz uma produção textual centrada nos gêneros, a linguagem é democratizada. Portanto, o estudante, por vezes, deve utilizar sua linguagem inata; e, noutras produções textuais, é convocado ao uso da “norma padrão”, dessa forma, aprende a adequar sua linguagem a diferentes contextos e circunstâncias do processo de comunicação.

Figura 5 – Reconhecimento da variação linguística na regência verbal.



Fonte: ORMUNDO, Wilton e SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga na língua**. Leitura, Produção de Texto e Linguagem. 8º ano . p. 112.

Quando estamos com familiares e amigos comumente empregamos a linguagem informal, porém se estamos no ambiente de trabalho, numa entrevista de emprego, devemos usar a linguagem formal. Saber diferenciar essas duas variantes capacita o aluno a saber utilizá-las em determinadas situações.

O estudo da variação linguística no 9º ano do ensino fundamental visa que os estudantes reconheçam as palavras estrangeiras incorporadas à língua portuguesa. Essa habilidade referencia a variação diacrônica, pois propõe que o aluno apure se a forma gráfica de origem permanece igual, ou se, com o tempo, este registro mudou.

No texto da página 73 do livro, conforme a imagem abaixo, essa habilidade é contemplada, a exemplo da frase de língua inglesa: “*be good*”, que significa “seja bom”, e que, conforme o texto, com o passar do tempo tornou-se a palavra “*bigu*”, que significa carona.

Figura 6 – Texto que traz a temática do preconceito linguístico.

Adequação e preconceito linguístico NA PRÁTICA

1 Leia a transcrição de um depoimento sobre o *pernambuquês* da professora Nelly Carvalho, da Universidade Federal de Pernambuco. Em seguida, responda às perguntas.

.....

O fato da gente usar *oxente!* é porque lá é ô *gente!*, mas o *g* tem o som de *ch*. Pra gente foi se modificando e até hoje a gente não diz mais nem *oxente!*, a gente diz *oxel!*, *oxel!*, e a ... a prova disso é que *Virgem Maria!*, no momento, quando a gente diz como exclamação, a gente diz *ximaria!*.

Aliás, as ... as nossas influências a gente pode ver muito nas músicas de Luiz Gonzaga. O sertão era uma região diferenciada. Então, daí nós tivemos... teve palavras como *pitoco*, *cotoco*, *sufoco*, que eu acredito que sejam de origem africana pelo... pela diferença que têm do português. E também coisas criadas mais recentes, por exemplo, tem *bigu*, que todo mundo chama *carona* e a gente chama *bigu*, porque na época da Guerra os... as... não tinha quase automóvel aqui e os americanos quando passavam diziam assim *be good, be good*, quer dizer, seja bonzinho, me leve. Daí veio a palavra *bigu*.

E uma coisa muito engraçada é uma palavra que não tem nada de **dialetal**, mas que eu só percebi no dia que chegou uma pessoa e disse pra mim “Por que vocês dizem tanto *pronto?*”. Aí assim: “Vá até a esquina, aí pronto; dobre do lado, aí pronto, chegá lá”. Tudo pra gente é *pronto*. Então é uma maneira, são essas maneiras que a gente vai criando e vai **estratificando** na nossa linguagem. E a gente tem muito orgulho, pelo menos eu tenho muito orgulho da minha linguagem.

Disponível em: <<https://vimeo.com/46450960>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

.....

Lembra?

As **transcrições** procuram indicar a maneira como um texto foi dito, por isso mantêm pausas, hesitações, marcadores de conversa etc.

Dialetal: aquilo que é próprio da variedade regional de uma língua.
Estratificando: fixando

Fonte: ORMUNDO, Wilton e SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga na língua**. Leitura, Produção de Texto e Linguagem. 9 ano . p. 73.

Assim, como no 6º ano do ensino fundamental, no livro didático voltado aos alunos do 9º ano é retomada a discussão sobre preconceito linguístico, em duas sessões, intituladas “*Mais da Língua e Mais da Prática*” que abordam o tema.

A introdução do tema é feita por meio da discussão da utilização do gênero textual carta aberta, em que há utilização de vocabulário preciso, construções sintáticas mais complexas e maior consideração das formas previstas na norma-padrão. Conforme pontua Faraco (2007, p.

75). “Norma-padrão é a construção abstrata e idealizada de uma determinada língua, encontrada nas gramáticas tradicionais (derivando-se daí regras a serem seguidas), com o objetivo de servir de referência a “projetos políticos de uniformização linguística”. A sessão “Mais da língua”, na página 71 do livro, destinado aos alunos do 9º ano, abordará a variação diafásica, que também recebe o nome de variação estilística ou situacional, justamente por relacionar o uso da linguagem à situação em que ocorre a comunicação. O assunto, a finalidade, o tipo de interlocutor são alguns fatores que determinam diferenças no uso da língua se utilizarmos registros mais formais ou se utilizarmos registros informais. Conforme vemos na imagem a seguir:

Figura 7 – Questão que aborda a Variação Diafásica ou Estilística

Mais da língua

Pra começar

As cartas abertas reproduzidas neste capítulo contam com uma linguagem monitorada. O gênero prevê uma comunicação formal, com vocabulário preciso, construções sintáticas mais complexas e maior consideração das formas previstas na norma-padrão. Essa adequação da linguagem ao contexto de produção e de circulação do texto é o assunto da seção.

Adequação e preconceito linguístico

Leia esta tira do Niquel Náusea, personagem criado pelo quadrinista paulista Fernando Gonsales, e responda às perguntas.

Niquel Náusea Fernando Gonsales

FERNANDO GONSALES. *Niquel Náusea: siga seus instintos*. São Paulo: Devir, 2013. p. 11.

- 1 Por que o rato acredita que o escorpião vai “sofrer muito na vida”?
- 2 Que expressão o escorpião usa para abordar seu interlocutor? Que tipo de comportamento é sugerido por essa expressão?
- 3 A maneira como ele usa as palavras confirma esse tipo de comportamento? Explique sua resposta.

O humor da tirinha resulta de uma inadequação: a fala do escorpião, além de não ser conveniente para seu objetivo, revela um excesso de formalidade, que não se justifica na situação de comunicação apresentada na tira.

No capítulo anterior, você estudou fatores sociais que determinam variedades da língua. Além das questões relativas às particularidades dos falantes, é importante considerar a situação de comunicação em que eles estão inseridos.

O assunto, o objetivo, o tipo de interlocutor e o lugar em que ocorre a comunicação são alguns dos fatores que podem determinar diferenças no uso da língua.

69

Fonte: ORMUNDO, Wilton e SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga na língua**. Leitura, Produção de Texto e Linguagem. 9 ano. p. 69.


Na página 72, conforme se vê abaixo, tem-se um texto definindo a utilização da linguagem formal e informal e o conceito do que é a norma-padrão da língua de acordo com o que recomenda a habilidade da BNCC (2018, p. 157) (EF69LP55): “Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico”, para os anos finais do ensino fundamental.

Figura 8 – Texto sobre preconceito linguístico.

A **linguagem formal** é usada em situações mais cerimoniosas, como uma aula universitária ou um noticiário de TV. Já a **linguagem informal** é utilizada em situações mais descontraídas, como programas de auditório ou debates esportivos. O emprego desses **níveis de linguagem** é flexível, dependendo do contexto e do objetivo do falante. Um político pode, por exemplo, preferir o uso da linguagem informal em um discurso para se aproximar do eleitor. Além disso, há graus de formalidade, que vão de nada formal a muito formal.

Um falante competente é quem consegue transitar entre esses níveis de linguagem, reconhecendo o que é adequado a cada situação de comunicação. Para isso, precisa se apropriar das formas socialmente mais valorizadas, as chamadas **variedades urbanas de prestígio**. Elas estão associadas, em geral, aos moradores dos grandes centros urbanos que têm acesso a mais atividades educacionais, culturais e científicas e atuam em esferas profissionais prestigiadas.

O modo de falar desse grupo urbano varia conforme as situações de comunicação, como vimos nas ilustrações das páginas 70 e 71. Apesar disso, observa-se que, em geral, as variedades urbanas de prestígio estão mais próximas da chamada **norma-padrão**, o modelo de uso da língua descrito nas gramáticas e nos dicionários. Nenhum falante – mesmo aquele que é muito culto – obedece à norma-padrão todo o tempo, mas essa norma é uma referência.



Preconceito linguístico

A compreensão de que a língua varia leva, necessariamente, ao reconhecimento de que não há uma língua "correta" ou "bonita". Todas as variações são legítimas porque servem ao propósito da língua: permitir a comunicação entre os indivíduos. Assim, o preconceito contra algumas variedades, como aquelas usadas por pessoas com pouca escolaridade, revela um equívoco no entendimento do funcionamento da língua.

Apesar disso, não é correto concluir que esses falares são bem-vindos em todas as situações de comunicação. Uma das mais importantes funções da escola é justamente a de aproximar os estudantes das variedades urbanas de prestígio para que eles possam adquirir progressivamente novos hábitos linguísticos, que lhes permitirão participar de todas as atividades culturais, científicas e profissionais disponíveis, inclusive aquelas que exigem a produção ou a compreensão de gêneros mais monitorados.

72

Observar uma abordagem dessa natureza nos faz refletir sobre a importância de discutir as várias modalidades de expressão linguística e o preconceito que a essas se impõe. A escola deve possibilitar que os alunos não só entendam os fenômenos linguísticos, mas também possam vir a incorporar variantes que ainda não dominam. Os educandos devem conhecer a sua contribuição na variação presente em gêneros orais e escritos e devem ser capazes de situar-se quanto à heterogeneidade que permeia a língua portuguesa, contemplando a fala e a escrita em situações reais de uso e apropriando-se do conhecimento com uma visão mais global da sua realidade.

Sobre essa questão, Mattos e Silva (1995) afirmam que:

Nenhum linguista que trabalhe com a língua enquanto fenômeno social desconhece o prestígio ou estigma de variantes linguísticas e também há consenso em que, nas sociedades estratificadas em classes, a(s) variante(s) não prestigiada(s) serão estigmatizadas e são “o arame farpado mais poderoso para bloquear o acesso ao poder” (MATTOS E SILVA, 1995, p. 13).

Todos temos o direito de nos expressar sem constrangimentos, pois a língua tem como sua maior finalidade a comunicação. Uma das formas mais eficientes de diminuir o estigma, sobre os falantes das variantes linguísticas de menos prestígio, seria oportunizar a sociedade em geral ao reconhecimento e respeito as suas diferenças, assim compreendendo o significado de preconceito da maneira como deve ser, esse trabalho deveria começar desde muito cedo nas escolas. Conforme, observa Bagno (2007):

A língua portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum considerar as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas. O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação (BAGNO, 2007, p. 27).

A página 73 a seguir, traz um depoimento da professora Nelly de Carvalho, acerca de sua variante linguística, “o pernambucês”, no qual ela explica a origem e influências de algumas palavras e do orgulho que sente de sua forma de falar.

Figura 9 – Texto da professora Nelly de Carvalho sobre sua variante linguística.

Adequação e preconceito linguístico NA PRÁTICA

1 Leia a transcrição de um depoimento sobre o pernambuquês da professora Nelly Carvalho, da Universidade Federal de Pernambuco. Em seguida, responda às perguntas.

O fato da gente usar *oxente!* é porque lá é *ô gente!*, mas o *g* tem o som de *ch*. Pra gente foi se modificando e até hoje a gente não diz mais nem *oxente!*, a gente diz *oxe!*, *oxe!*, e a ... a prova disso é que *Virgem Maria!*, no momento, quando a gente diz como exclamação, a gente diz *ximaria!*.

Aliás, as ... as nossas influências a gente pode ver muito nas músicas de Luiz Gonzaga. O sertão era uma região diferenciada. Então, daí nós tivemos... teve palavras como *pitoco*, *cotoco*, *sufoco*, que eu acredito que sejam de origem africana pelo... pela diferença que têm do português. E também coisas criadas mais recentes, por exemplo, tem *bigu*, que todo mundo chama *carona* e a gente chama *bigu*, porque na época da Guerra os... as... não tinha quase automóvel aqui e os americanos quando passavam diziam assim *be good, be good*, quer dizer, seja bonzinho, me leve. Daí veio a palavra *bigu*.

E uma coisa muito engraçada é uma palavra que não tem nada de dialetal, mas que eu só percebi no dia que chegou uma pessoa e disse pra mim "Por que vocês dizem tanto *pronto?*". Aí assim: "Vá até a esquina, aí pronto; dobre do lado, aí pronto, chega lá". Tudo pra gente é *pronto*. Então é uma maneira, são essas maneiras que a gente vai criando e vai *estratificando* na nossa linguagem. E a gente tem muito orgulho, pelo menos eu tenho muito orgulho da minha linguagem.

Disponível em: <<https://vimeo.com/46450960>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

Lembra?
As transcrições procuram indicar a maneira como um texto foi dito, por isso mantêm pausas, hesitações, marcadores de conversa etc.

Dialetal: aquilo que é próprio da variedade regional de uma língua.
Estratificando: fixando.



A professora Nelly Carvalho em cena do vídeo *O dialeto pernambuquês*.

73

Fonte: ORMUNDO, Wilton e SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga na língua**. Leitura, Produção de Texto e Linguagem. 9 ano. p. 73.

O depoimento da professora Nelly de Carvalho acerca de sua variante linguística se apresenta como um excelente exemplo para refletir sobre os dialetos existentes no Brasil no livro didático. E sobre essa questão Bagno (2007) comenta que

A língua portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos

diferentes modos de falar: é muito comum considerar as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas. O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação (BAGNO, 2007, p. 27).

É importante ratificar que não se pode – nem se deve – procurar impedir a variação linguística; pelo contrário, a abordagem desse assunto em sala é crucial e deve ser precedida da apresentação da ideia de adequação para cada possibilidade de uso vinculada a um contexto particular. Por outro lado, é importante reforçar a importância da aceitação das variações linguísticas da língua portuguesa como instrumento de comunicação. Bem como, a partir da variante do aluno, o educador elucidar e contribuir com o processo de obtenção da norma culta por parte destes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino das variedades linguísticas deve considerar os contextos sociais em que os alunos estão inseridos. Cabe à escola dar ao aluno a noção de que, ao empregar determinada forma linguística, ele será socialmente avaliado.

Implementar o ensino da variação linguística nas aulas de língua portuguesa é, sobretudo, uma atitude de respeito ao estudante enquanto falante da língua. Proporcionar ao aluno o ensino da variação linguística não significa se opor ao ensino da norma-padrão, uma vez que, em algumas ocasiões do dia a dia, o domínio do padrão normativo será exigido. Cada variedade linguística tem o seu lugar e o seu papel no domínio do processo comunicativo para o qual a língua se apresenta. Dessa forma, é indispensável a defesa da necessidade de, ao invés do ensino de língua portuguesa, envolvendo apenas a memorização de regras gramaticais; hoje, buscar-se desenvolver no aluno o seu potencial crítico e a sua percepção a respeito das múltiplas possibilidades de expressão linguística.

Após a análise da coleção “Se liga na Língua”, dos autores Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi, podemos concluir que os livros da coleção são uma ferramenta bastante útil para os professores durante o processo de ensino-aprendizagem, em vários aspectos da língua portuguesa.

No que diz respeito, especificamente, ao tema da variação linguística, de acordo com a abordagem preconizada pela BNCC, é possível inferir que o material é satisfatório. Cada livro

da coleção traz histórias em quadrinhos, letras de músicas, anúncios publicitários, correlacionando o português falado no Brasil com o português falado em outros países de língua portuguesa, tais como Portugal, Angola, trazendo assim, para o aluno, a reflexão sobre as variações linguísticas, especialmente a percepção das distinções existentes entre o português falado no Brasil e o português falado em outros países.

Assim, ao utilizar diversos gêneros textuais para abordar o assunto, os autores dos quatro livros da coleção “Se liga na Língua” provocam, nos leitores, a reflexão sobre os aspectos sócio-variacionistas conforme o contexto em que se está inserido, o que corrobora com o que é sugerido na BNCC para as séries finais do ensino fundamental, quanto à utilização de diversos gêneros textuais para o estudo e reconhecimento das variedades da língua falada e, conseqüentemente, para o combate ao preconceito linguístico.

É importante observar que nem sempre o que os autores trazem nos livros é compatível com a sugestão proposta pela BNCC quanto ao desenvolvimento das competência e habilidades necessárias para cada ano letivo. Por exemplo, o tema da variação linguística a partir do estudo dos estrangeirismos foi abordado no livro do 6º ano (página 63), bem como no livro do 9º ano (página 40), porém, de acordo com a BNCC, a abordagem desse assunto só deve ser trabalhada no último ano do ensino fundamental. Além disso, é possível observar, também nas explicações sobre aspectos gramaticais, uma preocupação dos autores em abordar questões sobre as variedades linguísticas mesmo que de forma indireta em seus aspectos sociais, regionais, históricos.

Diante do exposto, é necessário pensar que, apesar de sua importância, o livro didático não deve ser utilizado por professores e alunos como um guia rígido de atividades de ensino-aprendizagem; mas, sobretudo, como um material de apoio pedagógico e de consulta.

Por sua vez, embora as atividades de produção textual propostas no material didático, aqui analisado, sejam importantes para democratizar o ensino da língua portuguesa no que diz respeito à variação linguística da comunidade de falantes, que utiliza os livros da coleção “Se liga na Língua”, o professor tem um papel fundamental na mediação desse conhecimento, direcionando o uso da modalidade padrão da língua, bem como de suas variações quando o contexto permitir. Por fim, esse trabalho foi de grande relevância, por nos fazer refletir sobre como abordar a língua portuguesa, em sala de aula, de maneira não mecanicista, mas de modo a prestigiar a vivência e a participação do educando nas mais diferentes situações de uso da língua.

REFERÊNCIAS

- ALKMIN, T. M. Sociolinguística. *In*: MUSSALIM, F.; BENTES. (Org.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras I**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- ANTUNES, I. **Aula de português – encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós Chegemos na escola, e agora? Sociolinguística & educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- COSERIU, E. **Princípios de semântica estrutural**. Madrid: Gredos, 1986 [1977]
- FLICK, U. **Uma Introdução à Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre, RS: Bookman, 2009.
- FRAGA. Educação Em Língua Materna: **A sociolinguística em sala de aula**. Todas As Letras H, ano 7, n. 2, 2005.
- ILARI, R.; BASSO, R. **O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- LABOV, William. Padrões sociolinguísticos. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- _____. (1972). *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. [*Padrões Sociolinguísticos*. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.]
- _____. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008
- MARTINS, G. A.; PINTO, R. L. **Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos**. São Paulo: Atlas, 2001.
- MENDES, Ronald Beline. Língua e variação. *In*: FIORIN, José Luiz (Org.) *et al.* **Linguística? Que é isso?** São Paulo: Contexto, 2015.
- MORENO FERNÁNDEZ, F. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.
- MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2007
- ORMUNDO, Wilton e SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga na língua**. Leitura, Produção de Texto e Linguagem. São Paulo: Editora Moderna, 2016.

SANDES, Egisvanda Isys de Almeida; MANJÓN-CABEZA CRUZ, Antonio; MOLINA ORTÉS, Elena Fernández de. Entrevista com o sociolinguista Francisco Moreno Fernández. **Rev. EntreLínguas**, Araraquara, v. 6, n. 1, p. 11-21, jan./jun., 2020. e-ISSN: 2447-3529. DOI: <https://doi.org/10.29051/el.v6i1.13727>.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. "O português são dois"... ainda "em busca do tempo perdido". *In*: GORSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl. **Sociolinguística e ensino: contribuições para a formação do professor de língua**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006. Cap. 17, p. 277-288.

STROBEL, K.; FERNANDES. S. **Aspectos linguísticos da língua brasileira de sinais**/ Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de educação. Departamento de Educação Especial. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1994.